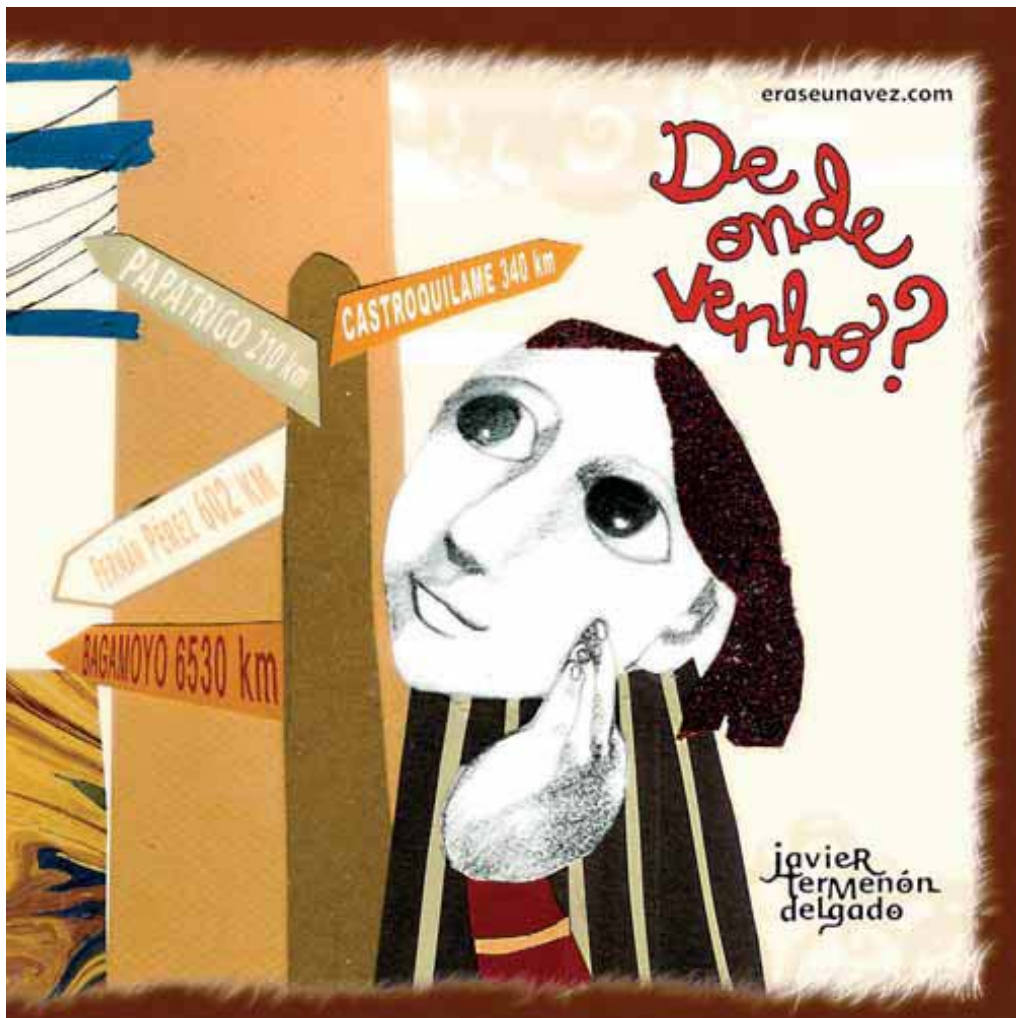


A menina desta história tem

São hoje lançados dois livros infantis que abordam a homossexualidade. A Ilga Portugal diz que



Andreia Sanches

● “É TERRÍVEL!” André não queria acreditar. O professor de Português revelou que as pessoas se apaixonam quando crescem. Ninguém na turma se imaginava a dar beijos. “Que nojo!” Mas agora que Marta e André já superaram o choque, decidem que o melhor é resolver o assunto de uma vez - porque “se o professor o disse, é porque vai acontecer” - e escolher por qual dos colegas vão tentar apaixonar-se. “O João quer ser bombeiro para ajudar as pessoas! Gosto muito da farda dos bombeiros! Acho que vou apaixonar-me por ele”, diz André.

Marta e André são as personagens de *Por quem me apaixonarei?* - um dos dois livros infantis que a Associação Ilga Portugal e o projecto espanhol *eraseunavez.com* lançam hoje em Lisboa, com apoio da Fundación Triángulo Extremadura (Espanha).

O segundo livro chama-se *De onde venho* e fala de uma menina de Braga - na versão espanhola é de Lugo, na Galiza - que tem os olhos grandes e não mais de seis anos. Já não acredita que os bebés venham

com as cegonhas. E passa em revista outras possibilidades. Virão pelo correio? Ou serão importados de Paris? “A mamã Carlota disse-me que os meninos e as meninas crescem nas barrigas das mulheres. Essa é que me pareceu a maior mentira que já ouvi. Eu não caíbo na barriga da mamã Carlota e na da mamã Ana ainda menos.”

Os livros vão ser postos à venda simultaneamente em Espanha e em Portugal (há 350 exemplares de cada um em português). Custam 10 euros. “As histórias e as respectivas ilustrações retratam, de uma forma simples, a diversidade afectivo-sexual, promovendo assim a igualdade, o respeito pela diversidade e a convivência cidadã desde a infância”, faz saber a Ilga na nota de apresentação das publicações.

A menina que veio do mar

“Não havia até agora nada assim” no país, diz Paulo Côrte-Real, membro da direcção da associação de defesa dos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgénero (LGBT). “Assim” como? “Livros para todas as famílias.”

E para todas as crianças, acrescentaria Javier Termenón, 32 anos, autor de *De onde venho?*

Termenón cresceu com as histórias da Branca de Neve e do Capuchinho Vermelho. Adorava quando os pais reuniam os quatro filhos para lhes lerem contos. Mas não se “reconhecia” neles, diz numa entrevista telefónica ao P2. “Também nos diziam que os rapazes não podiam chorar e eu era um chorão.”

Hoje, à distância, acha que todos esses clássicos impõem demasiadamente o “modelo heterossexual”. E como ilustrador começou a participar em projectos para crianças que abordam “a temática da homoparentalidade” - que é apenas uma maneira de falar de “uma realidade que é muito mais multifacetada” do que o “rapaz encontra rapariga, rapaz namora rapariga, rapaz e rapariga casam”.

Em *De onde venho?* há uma menina que faz “as perguntas que todas as crianças fazem, vivem em famílias hetero ou homossexuais”, nota o antropólogo Miguel Vale de Almeida que hoje fará a

apresentação das obras na Livraria Bulhosa de Entrecampos, em Lisboa.

As mesmas perguntas que também Termenón fez - “eu achava que era quando os pais dançavam juntos que nascia uma criança”. A diferença entre o autor e a menina de olhos grandes do seu livro é que ele tinha uma família convencional ela tem duas “mamãs”. Há outra: ela concluiu que veio do mar.

“O livro dá ferramentas aos pais para iniciarem essa conversa: ‘e tu, de onde achas que vens?’” - continua Termenón que com *De onde venho?* ganhou o prémio da categoria dos livros destinados a crianças até aos cinco anos do I Concurso Internacional de Contos Infantís sobre Homossexualidade da *eraseunavez.com* - uma associação cultural espanhola que promove projectos editoriais que contribuam para “uma sociedade onde gays, lésbicas, transsexuais, bissexuais e heterossexuais possam conviver com maior igualdade”.

O seu livro é apenas um ponto de partida, acredita o autor espanhol - que defende que todos os livros devem ser lidos pelas crianças com

os pais ao lado. “Cada criança tem a sua verdade” e encontrará a sua resposta. Pelo caminho, fica a saber que há meninas que vivem com duas “mamãs”.

A quem interessa estas obras? “Antes demais a pais ou mães que se assumem como gays ou lésbicas, que têm filhos que nunca vêem ser reflectida a questão de serem filhos de pessoas do mesmo sexo, de terem pais adoptivos do mesmo sexo, ou um pai biológico que vive uma relação homossexual”, responde Vale de Almeida.

“Mas também - e se calhar isso é o mais importante - às pessoas que acham simplesmente que os miúdos devem ter acesso a modelos mais diversificados, que queiram mostrar aos filhos as possibilidades do ser-se humano.”

“No amor não se escolhe”

Nos Estados Unidos e na Inglaterra, continua o antropólogo e activista LGBT, há muitos livros assim. Em Portugal, só conhece um conto que ele próprio fez para um livro com várias histórias de diferentes autores, da Associação Médicos do Mundo (e que foi vendido com o

duas mães

se destinam a todas as famílias



PÚBLICO em 2006), onde crianças falavam de diferentes tipos de família, incluindo a homossexual. "Neste momento existe um grupo [na Ilga] de pais gays e mães lésbicas que se reúne para discutir estas coisas e uma das coisas que eles dizem é que sentem falta destes livros. Os autores portugueses não escrevem sobre estes temas. Não sei se têm medo de não ser publicados ou de ficar marcados..."

Rosa Lobato Faria é autora de alguns livros infantis, mas sobretudo de poesia e romances para adultos. O seu último, *A Alma Trocada* (edições Asa), tem como tema a homossexualidade masculina. "Nunca pensei abordar o assunto num livro infantil", diz. Nunca lhe ter ocorrido é a única explicação que dá para não ter introduzido numa das suas histórias para crianças a questão da homossexualidade. "Puxem por mim, que sou bem capaz de escrever..."

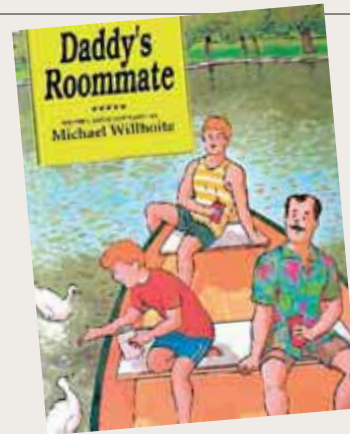
Wieland Pena diz que quando era pequeno teria gostado de ler o *Por quem me apaixonarei?* que escreveu para o mesmo concurso da eraseunavez.com: "Quando és criança, sobretudo num ambiente

homofóbico, e te parecem atraentes as pessoas do mesmo sexo, podes chegar a sentir-te como uma espécie de delinquente. Quero acreditar que o meu conto congela os estigmas do sentimento amoroso, tanto na opção heterossexual como na homossexual."

Marta e André, criados por Pena, não chegam a conclusão nenhuma sobre por quem vão apaixonar-se. Pelo Rúben ou pela Alice, que gostam de futebol? O Roberto, que quer ser médico? Ou a Laura que quer pilotar aviões? Depois um professor explica-lhes que "no amor não se escolhe". Simplesmente acontece. E é como "um presente".

"Se fosse criança gostava de ler este livro, mas sobretudo gostava que os meus pais mo oferecessem", continua Wieland Pena. Porque estes livros "são importantes". Não tem que se "inundar" o mercado com eles, acredita Termenón. Mas têm que existir. Desde logo porque, sublinha Pena, "se uma criança pode ver os seus sentimentos reflectidos num objecto tão positivo e prestigiado como um livro, não se sentirá culpada e aceitará as suas emoções como algo natural."

Personagens gays continuam a ser polémicas
No EUA existem mais de 70 livros para crianças



Existem mais de 70 livros *gay friendly* nos Estados Unidos para crianças até aos oito anos de idade. Entre 1980 e 2006 foram editados 71, segundo um apanhado feito pela investigadora norte-americana, Elizabeth Rowell.

Muito retratam famílias homossexuais, outros apenas incluem personagens gays, mas estas são quase marginais à história. O primeiro livro a abordar a temática transsexual foi posto à venda em 2004.

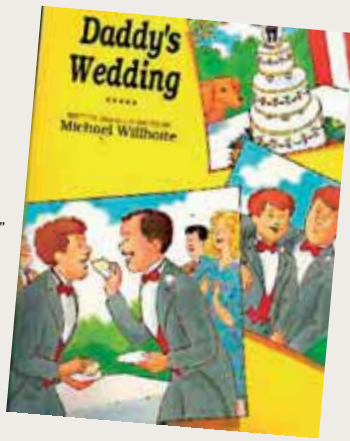
Chama-se *Carly, She's still my daddy*. Também ele faz parte da colecção de livros *gay friendly* que Rowell iniciou há alguns anos, no Rhode Island College, em Providence, onde dá aulas.

Muitos destes livros deram e continuam a dar que falar. Nos anos 90, por exemplo, foi publicado *Daddy's Roommate*, de Michael Willhoite - "A minha mãe e o meu pai divorciaram-se no ano passado", começa por contar o narrador, um menino que fala do dia-a-dia do seu pai com o companheiro. Este livro foi banido de livrarias e queimado na praça pública.

Mais recentemente o premiado *And Tango makes three*, de Peter Parnell e Justin Richardson, ilustrado por Henry Cole, também suscitou reacções negativas em algumas cidades norte-americanas: no ano passado, grupos de pais exigiram que fosse retirado das bibliotecas das escolas.

Este livro tem a particularidade de se inspirar numa história verdadeira. Roy e Silo, pinguins do Zoo do Central Park, em Nova Iorque, foram notícia nos jornais quando depois de anos em que só queriam saber um do outro chocaram um ovo fertilizado e "adoptaram" o pinguim bebé que de lá nasceu. A cria ficou conhecida por Tango e inspirou o livro de ilustrações que muitos pais norte-americanos consideraram impróprio para crianças pequenas.

A.S.



Muitas crianças têm dificuldade em rever-se nos manuais escolares

● Os estudos sobre o tema não abundam, mas parece certo que "a representação de família nos manuais escolares ainda é pouco adequada à diversidade familiar que existe", explica Teresa Alvarez, técnica superior da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género - uma estrutura que está integrada na Presidência do Conselho de Ministros.

Os trabalhos de investigação que vão sendo feitos não abrangem todos os manuais, de todos os anos escolares e disciplinas, e centram-se geralmente na questão da representação dos homens e das mulheres - que tende a ser estereotipada, com perfis muito marcados do que é o masculino e o feminino, continua Alvarez. Mas com muita frequência acontecerá haver, nas salas de aula, "uma percentagem significativa de crianças com famílias monoparentais que têm dificuldade em rever-se nos manuais, onde a norma que está subjacente é a da família com pai e mãe." E o mesmo se passará com as crianças que vivem com um casal constituído por pessoas do mesmo sexo.

"A escola continua a excluir estes miúdos", diz o antropólogo Miguel Vale de Almeida. "O que falta é simplesmente cuidado,

porque imagine que eu tinha um preconceito e não queria falar de homossexualidade. Mesmo assim, estaria rodeado da evidência de meninos que vivem em famílias homo." E continua: "Numa sala de aula qual é a percentagem de meninos que neste momento têm um pai e uma mãe de sexos diferentes que são os seus pais biológicos e que vivem com eles e que são o único casamento que houve... se for 50 por cento já é muito. Basta introduzir a variável do divórcio e da recomposição familiar, mesmo em famílias hetero, para já termos isto tudo alterado. E, no

entanto, não se vê isto a ser tocado."

Paulo Gonçalves, do gabinete de comunicação da Porto Editora - líder de mercado no sector do livro escolar - tem outra opinião. Centra-se no 1.º ciclo do ensino básico, onde o tema "família" é explicitamente abordado, e lembra que as orientações do Ministério da Educação "são omissas nessa matéria". Garante, contudo, que os autores que trabalham para a editora e a equipa editorial têm "uma visão actual da sociedade em que vivemos". E "abrem espaço ao conhecimento de diferentes tipos de família que não apenas a designada por 'tradicional'". Com base nas sugestões presentes nos livros e outros materiais complementares, acredita, "o professor tem possibilidade de introduzir e gerir este tema com flexibilidade, adaptando a metodologia às características dos seus alunos". A.S.